



Demografia & Dinâmicas

Dinâmicas

A questão demográfica: Do declínio da fecundidade a um debate sobre política familiar

Ana Alexandre Fernandes*

A questão demográfica tem passado ao lado das preocupações políticas apesar de o ensombramento proveniente do envelhecimento da população se ter tornado objecto da atenção ao longo dos últimos anos. Tem sido particularmente intenso no que respeita a políticas sociais de velhice e, especificamente ao debate sobre a sustentabilidade financeira do sistema de Segurança Social.

Considero que a previsão relativa ao futuro das reformas é fundamental. E para esse efeito as projecções demográficas representam um instrumento rigoroso de avaliação da dinâmica e evolução das populações. Criar cenários prospectivos em função das principais tendências evolutivas microdemográficas é um exercício necessário para quem tem que decidir, isto é, estabelecer as rotas a seguir para as quais, muitas vezes, não há retrocesso. Os equilíbrios demográficos alteram-se sem que deles nos demos conta. As modificações dos comportamentos demográficos repercutem-se nas estruturas populacionais de forma irreversível.

Não tendo a intenção de enveredar pela querela pró e anti-natalista, debate ideológico-político cujo alcance ultrapassa os objectivos que aqui me trazem, não posso deixar de me posicionar previamente numa perspectiva pró-natalista tendo em conta o actual cenário de declínio acentuado da fecundidade, não só em Portugal mas em alguns países do sul da Europa, particularmente os da orla mediterrânica. Os níveis de fecundidade atingidos auguram desequilíbrios intergeracionais acentuados e irreversíveis com consequências nefastas no futuro. Esta posição não deixa, no entanto, de ter em conta o enquadramento demográfico de declínio de fecundidade que caracteriza os sistemas demográficos modernos. É neste contexto que se coloca a problemática do declínio

excessivo tão evidente nos países do sul como é o caso de Portugal.

Mas como intervir no sentido de alterar o ritmo e a tendência do declínio?

Mudar o sentido evolutivo de queda acentuada que as recentes tendências indiciam não passa por uma maior consciência individual, como acontece, em grande parte, com as preocupações ecológicas, mas exige a alteração das condições estruturais em que ocorre a vinda ao mundo de uma criança. Supor que as mães e os pais potenciais se envolveriam mais facilmente em tal aventura exige repensar os contextos e os apoios que colectivamente devem ser postos à disposição, primeiro das mães, mas também dos pais. E porquê esta referência prioritária às mães? Quer queiramos quer não - e as ideologias esquerdistas igualitárias parecem esquecer esta questão prévia - são as mulheres que engravidam, que amamentam e se confrontam em termos profissionais com um machismo extenuado do nosso patronato mais arcaico ou com o desenfreamento concorrencial do empresariado moderno. As mulheres portuguesas trabalham tanto quanto os homens portugueses e mais do que a maior parte das mulheres de outros países da Europa porque um salário, o do homem, é insuficiente para as necessidades de consumo de uma família.

Mas comecemos a argumentação desde o seu início:

1. O nosso sistema demográfico é caracterizado por baixas taxas de natalidade e baixas taxas de mortalidade. A transição demográfica que decorreu ao longo do século XX parecia ter terminado com um novo equilíbrio entre a mortalidade e a natalidade. Mas, para grande surpresa nossa, a natalidade não deixou

*Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia da FCSH/UNL (anafe@ip.pt)

de baixar descendo a níveis impensáveis há alguns anos atrás. Os países do sul da Europa, entre os quais Portugal, apresentam níveis de fecundidade próximos de 1 criança por mulher, menos de metade do necessário para que se dê a substituição das gerações. A Itália tem sido pioneira, logo seguida da Espanha, de Portugal e da Grécia. A inexistência nestes países de políticas de apoio à família e à criança é, segundo parece, a razão principal desta evolução.

2. Se considerarmos apenas o crescimento populacional podemos afirmar que descemos bastante relativamente ao nível de substituição das gerações. Se cada mulher deve colocar no mundo outra mulher para que as gerações se renovem, podemos afirmar que cada duas mulheres deixam uma para as substituir. Neste exercício de simples aritmética estamos a talhar o futuro a caminho do nosso próprio desaparecimento.

3. Mas, e eis que surge um mas, então e os movimentos migratórios? A terceira variável explicativa da evolução demográfica é essencial. Portugal enche-se de estrangeiros: africanos, brasileiros, moldavos, ucranianos, polacos, checos.... Se durante décadas fomos marcados pela saída de portugueses em busca de melhores soluções de vida, somos pela primeira vez confrontados com a entrada de outras gentes no nosso território. E se entra gente porquê tal preocupação com a evolução da população portuguesa?

Os dados estão lançados e, no futuro, teremos provavelmente uma população multirracial e multicultural com todos os problemas que essas transformações de modernidade acarretam a uma sociedade. Mas quer isto dizer que nos vamos despreocupar face ao declínio tão acentuado da natalidade?

Sem escamotear a questão imigratória, para a qual o Tratado de Shengen delineou um caminho de contenção das entradas para o espaço da UE, considero fundamental repensar que sociedade queremos nós para os nossos filhos, se é que vamos chegar a tê-los...

Mas será que as populações destes países não estão interessadas na procriação? Será que as condições futuras de evolução do capitalismo onde a família e os laços familiares adquirem cada vez mais um valor secundário face aos desempenhos individuais e à conquista de competências, vão contribuir para o acentuar do declínio?

A fragilidade das políticas sociais de apoio à maternidade, característica comum aos países de

baixa fecundidade,¹ parece ser a razão frequentemente apontada. Em Portugal, as políticas governamentais têm-se orientado para apoios aos jovens casais como, por exemplo, nos apoios financeiros à instalação, quer na aquisição quer no aluguer de habitação. São também atribuídos apoios financeiros de modo a proporcionar equidade no acesso às escolas maternais. O que não tem sido previsto é o planeamento da criação e implementação de creches que facultem maior acessibilidade às jovens mães trabalhadoras. Parece-me ser aqui, nas condições de acessibilidade a este tipo de instituições de apoio à maternidade que reside um dos factores de dificuldade para as famílias.

O debate sobre a demografia conduz inevitavelmente à questão da família. Implementar políticas demográficas com o objectivo de promover a fecundidade requer intervir no espaço privado da vida familiar. Muitas objecções têm sido levantadas nos países que têm levado a cabo este tipo de intervenções públicas. De modo geral as críticas vão no sentido de questionar os limites do papel do Estado através das instâncias públicas que de tal se ocupam. Estes movimentos ideológicos, hostis às políticas familiares, fundam-se em valores libertários que, como sabemos, são valores de esquerda. No extremo desta posição estão os que consideram que pôr uma criança no mundo é uma decisão privada, restrita aos territórios da intimidade que não admite a intromissão de quem quer que seja. É a suprema garantia das liberdades individuais.

Mas que dizer então do princípio de solidariedade directa entre as gerações que supõe a transferência imediata no pagamento das reformas a partir de um pacto intergeracional que funda o sistema de repartição do nosso Sistema de Segurança Social? E que dizer ainda quanto à instituição de um Sistema de Segurança Social, fundado sobre a solidariedade intergeracional, que é uma das grandes conquistas da nossa civilização tão cara aos movimentos políticos de esquerda?

Há razões suficientes para abrir o debate. Os novos problemas não são compatíveis com os modos de os entender e resolver no passado, mas o passado é fundamental para tornar inteligível o presente e podermos delinear o futuro.

¹ Com excepção da Alemanha e a Áustria, países que gozam de políticas sociais de apoio à família e que apresentam baixos níveis de fecundidade.

Informações Várias

Colóquios, Seminários e Congressos

Realizados

O VI Congresso da ADEH, ocorrido em Abril em Castelo Branco contou com a participação de diversos trabalhos sobre demografia portuguesa e espanhola, parte dos quais é possível consultar em http://www.ucm.es/info/adeh/VI_Congreso/congreso.htm.

Em Junho deste ano decorreu em Helsinkia a European Population Conference 2001, organizada pela EAPS (European Association of Population Studies) e alguns organismos finlandeses ligados às questões demográficas. As comunicações desta conferência podem ser consultadas em <http://www.vaestoliitto.fi/EAPS2001.htm>.

A XXIV Conferência da União Internacional para o Estudo Científico da População (IUSSP), decorreu no Brasil em Agosto deste ano. O programa e resumo das comunicações podem ser consultados em - <http://www.iussp.org/Brazil2001/index.html>.

A Realizar

A Conferência da Fédération Canadienne de Démographie em Ottawa em Dezembro 2001, sendo possível consultar informação em <http://www.canpopsoc.org/>.

O Encontro da PAA (Population Association of America) decorrerá em Atlanta em Maio de 2002, as informações podem ser consultadas em <http://www.popassoc.org/meetings.html>.

Seminários e conferências da IUSSP

- [*Seminar on Implications, Prospects for Survival, Health and Living Conditions in Old Age: Policy Implications*](#), Outubro de 2002
- [*2002 IUSSP Regional Population Conference - Southeast Asia's Population in a Changing Asian Context*](#), Junho de 2002
- [*Seminar on Macro and Micro Social Influences in Health: Changing Morbidity and Mortality*](#), Junho de 2002
- [*Determinants of Diverging Trends in Mortality*](#), Junho de 2002
- [*Conference on Age Structural Transitions and Policy Dynamics with focus on Asia and Latin America*](#), Primavera de 2002
- [*International Meeting on Age Structure Transitions and Policy Dynamics: The allocation of public and private resources across generations*](#), Dezembro de 2001

SITES de Interesse Demográfico

Em Portugal

INE – <http://www.ine.pt/>

INE – Censos 2001 -

<http://www.ine.pt/censos2001/>

FCT - <http://www.fct.mct.pt/>

Guia Virtual de Ciências Sociais do ICS -

<http://www.ics.ul.pt/guiavirtual/>

Biblioteca Nacional - <http://www.bn.pt/>

Organismos e Associações Internacionais

ONU - <http://www.un.org/esa/population/>

UISSP - <http://www.iussp.org/>

The World-Wide Web Virtual Library -

<http://demography.anu.edu.au/VirtualLibrary/>

INED – <http://www.ined.fr/>

AIDELF - <http://194.177.206.67/aidelf/index.htm>

Office of Population Research –

<http://opr.princeton.edu/>

Population Index - <http://popindex.princeton.edu/>

PAA - <http://www.popassoc.org/links.html>

ADEH - <http://www.ucm.es/info/adeh/>

Revistas

Population -

<http://www.ined.fr/publications/population/index.html>

Population and Development Review –

<http://www.popcouncil.org/pdr/>

Demography – <http://muse.jhu.edu/journals/dem/>

Population Studies -

<http://www.lse.ac.uk/Depts/pic/>

Revue européenne de Démographie -

<http://www.wkap.nl/journalhome.htm/0168-6577>

Publicações Recentes

O **INED** acaba de publicar o livro **“Démographie: analyse et synthèse. La dynamique des populations”** organizado por Graziella Caselli, Jacques Vallin et Guillaume Wunsch. , conta com a colaboração de diversos especialistas nas várias áreas da demografia, sendo possível consultar o seu índice a partir do site <http://www.ined.fr/publications/index.html>. Este livro é o primeiro de uma série de oito volumes a publicar em francês, inglês e italiano, que procuram sistematizar uma visão abrangente e actualizada da demografia.

O primeiro volume agora publicado, debruça-se sobre o crescimento populacional e as suas

componentes, as metodologias da análise longitudinal e da transversal, e a relação entre a dinâmica e a estrutura populacionais, discutindo ainda novas perspectivas de análise.

Os volumes seguintes, ainda não publicados, abordarão em separado os Determinantes da Fecundidade (vol.2), da Mortalidade (vol.3), e das Migrações (vol.4), a População no tempo e no Espaço (vol.5), as Consequências das Mudanças Demográficas (vol.6), Ideias e Políticas de População (vol.7) e finalmente um último volume sobre Fontes de Observação e Métodos Auxiliares .

EDITORIAL

Existe uma longa tradição, que não apenas em Portugal, que consiste em relegar a Demografia para um lugar secundário no universo das ciências sociais, nas universidades e até na Administração Pública. Sendo verdade que, graças aos muitos progressos e contributos da Demografia, nas últimas décadas, em diferentes países, essa tradição está em vias de passar à história, também hoje em Portugal podemos verificar que existem novas dinâmicas, sendo disso testemunho o 1º Congresso Português de Demografia, realizado em Setembro do ano passado.

Estas novas dinâmicas poderão conduzir à constituição, num futuro próximo, de uma comunidade de demógrafos, devidamente reconhecida pelos seus méritos científicos e profissionais e com real influência na vida social, política e administrativa. São esses os votos da Associação Portuguesa de Demografia. Sendo parte interessada nesse processo, ela está, no entanto, condicionada na sua acção pelo grau de participação e pelo dinamismo dos seus associados.

As conferências que iremos organizar no próximo ano, o 2º Congresso Português de Demografia a realizar em 2003, assim como a nossa participação na organização do Colóquio da AIDELF em 2004 constituem, para já, metas e acontecimentos que devemos inscrever nas nossas agendas pessoais e preocupações. Para que a informação e o intercâmbio científico e profissional funcionem temos agora este boletim, teremos em breve também uma página da Associação na Internet. Uma e outra são sobretudo apelos à vossa participação, aos vossos contributos. Escrevam-nos, dêem notícias.

Mário Leston Bandeira

Notícias da Associação

A APD conta neste momento com cerca de 100 membros. Encontra-se em elaboração o site da APD, o qual estará disponível em breve.

Conferências da APD

A Associação Portuguesa de Demografia vai realizar uma primeira conferência em Maio de 2002 dedicado à análise do último recenseamento. Este encontro visa, por um lado, apresentar o processo de Recenseamento de 2001, a nível da metodologia, limitações e alternativas possíveis, e, por outro, também discutir os seus resultados, efectuando uma primeira análise das tendências reveladas no censo.

Ainda em 2002, será realizada a segunda conferência da APD, este sobre Imigração e Desenvolvimento Regional.

Congressos

O segundo Congresso Português de Demografia será realizado em Setembro de 2003, encontrando-se em fase de preparação.

A APD irá também apoiar a realização do Colóquio da AIDELF (Association Internationale des Démographes de Langue Française) em Portugal, em 2004, na sequência do colóquio de 2002 a realizar no Senegal (<http://194.177.206.67/aidelf/Dakar.htm>).